


| | | | |
|--|--|-----------|------------------|
|  | Disciplinas: REDAÇÃO | | Data: 27/07/2020 |
| | Ensino Médio | Série: 1º | Turma: TA |
| | Assunto: ROTEIRO DE ESTUDOS PARA RECUPERAÇÃO | | I ETAPA |
| | Aluno (a): | | Nº: |
| | Professor (a): Fernanda Flores | | |

A impostura da neutralidade

[...] Assim como atribuiu um sinal negativo à presença de emoção no relato jornalístico, ou exatamente por causa disso, o senso comum acalenta o ideal da objetividade sobre-humana; imagina que o bom repórter é inteiramente imune às crenças, às convicções e às paixões. O repórter ideal seria o que não torcesse para nenhum time de futebol, não tivesse suas pequenas predileções eróticas, nem seus fetiches, nem seus pecados, que não professasse nenhuma fé, que não tivesse inclinações políticas e nenhum tipo de identificação étnica ou cultural. No mínimo, o repórter ideal é aquele que parece “neutro”. Sendo “neutro”, ele não favorecerá um dos ângulos de sua história e, conseqüentemente, será mais confiável. Eis a síntese do bom jornalismo segundo a mistificação do senso comum. A própria liturgia do ofício jornalístico parece ainda estar envolta no mito da neutralidade.

Esse mito, que se converte numa perniciosa impostura, já foi devidamente desmascarado por autores e jornalistas das mais diversas formações. Em *A ética no jornalismo*, Philip Meyer cita uma frase de Katherine Carlton McAdams (ganhadora do Prêmio Carol Burnette – University of Hawaii – AEJMC para jornais de estudantes sobre ética jornalística) que dá uma boa síntese do drama do profissional: “Os jornalistas são pessoas reais que vivem em famílias, votam, e torcem pelo time local [...] Espera-se que todas as lealdades pessoais sejam postas de lado quando se está atuando num papel profissional – mas... os jornalistas nunca podem estar seguros de até que ponto são influenciados por fatores pessoais que controlam percepções e predisposições”. Meyer ironiza a pretensão da neutralidade:

“Ela presume a postura do ‘homem de Marte’, o estado de alheamento total”. Não raro, a fantasia de “homem de Marte” acaba ajudando a erguer uma trágica impostura, que põe em risco a base democrática do jornalismo. O paulistano Cláudio Abramo (1923-87), um dos jornalistas que desenhou a face da imprensa brasileira no século XX, que atuou na modernização do *Estado de S. Paulo* nos anos 1950 (assumiu a Secretaria de Redação do jornal aos trinta anos) e da *Folha de S. Paulo*, da qual foi diretor de redação nos anos 1970, também combateu esse mito:

A noção segundo a qual o jornalista é uma espécie à parte na humanidade, o *Homo informens*, se nos for permitida tal liberalidade, é não apenas desprovida de racionalidade como desprovida de moral e, se adotada, levaria os jornalistas a se considerarem acima do bem e do mal, ou, de outra forma, se julgarem agentes absolutamente passivos na sociedade, como uma vassoura ou uma pistola automática.

Mesmo assim, a impostura da neutralidade ainda constitui uma regra. E, como toda impostura, desinforma.

O pecado ético do jornalista não é trazer consigo convicções e talvez até preconceitos. Isso, todos temos. O pecado é não esclarecer para si e para os outros essas suas determinações íntimas, é escondê-las, posando de “neutro”. O pecado ético do jornalista, em suma, é falsear a sua relação com os fatos, tomando parte na impostura da neutralidade. Esse falseamento – ainda muito comum – pode ser facilmente verificado, em três variantes básicas. A primeira variante é a ocultação involuntária, que consiste em fazer de conta que não se têm convicções ou preconceitos, ou que esses não interferem na objetividade possível. Resultam daí os relatos supostamente isentos, por trás dos quais o jornalista se esconde como se sua pessoa fosse um ente impessoal e como se a notícia não fosse também determinada pelo seu modo de olhar e de narrar. A máxima segundo a qual quem deve aparecer é o fato e não o jornalista reforça a ocultação involuntária. É claro que o repórter não deve disputar com a notícia a atenção do leitor, mas os sentidos e as habilidades, naturais ou treinadas, de quem cobre um fato (intuições, modos pessoais de olhar, repertório cultural) enriquecem, e não empobrecem, a narrativa que será levada ao público. Esconder tudo isso é empobrecer o jornalismo como ofício e enfraquecê-lo como instituição social.

A segunda variante pela qual o jornalista simula neutralidade pode ser chamada de ocultação deliberada. Mais própria de editores e repórteres de maior patente, ela consiste em mascarar convicções e preconceitos sob a aparência de informação objetiva, contrabandeando, assim, para o público, concepções pessoais como se fossem informações objetivas. A ocultação deliberada se beneficia da crença do público de que a neutralidade é possível e, além de não esclarecer ninguém sobre os fatos (pois, propositadamente, transmite uma versão montada dos fatos como se fossem os fatos falando por si mesmos), alimenta ainda mais o mito do jornalista neutro. Por fim, a terceira variante é a ocultação determinada pela servidão voluntária. Acontece mais entre aqueles que “vestem a camisa” não da empresa, mas do chefe. De preferência, já suada. Os que vestem a camisa do chefe anulam voluntariamente sua visão crítica em nome do cargo, do salário, da ambição ou do medo, e assumem para si os valores, as convicções e os preconceitos de quem está no comando.

As três variantes se alternam e se completam, produzindo a desinformação não apenas no público, mas também ao longo da linha de produção da notícia. [...]

BUCCI, E. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 96-98.
(UFJF-MG) Releia o fragmento (5o parágrafo):

(UFJF-MG) O principal objetivo comunicativo do texto é:

- a) defender a neutralidade e a isenção do bom jornalista.
- b) apresentar os motivos que fazem com que um jornalista seja neutro.
- c) discutir a ideia de neutralidade dentro do campo jornalístico.
- d) identificar as dificuldades dos jornalistas na relação com seus chefes.
- e) criticar os jornalistas que não se mantêm neutros em seu trabalho.

(UFJF-MG) A principal tese apresentada no fragmento lido é a de que:

- a) a insistência na neutralidade do jornalista pode provocar prejuízos à informação.
- b) o jornalista precisa se manter acima do bem e do mal em seu trabalho.
- c) há consenso sobre a noção de neutralidade em jornalismo.
- d) o compromisso com a objetividade deve sobrepor-se às observações pessoais no jornalismo.
- e) os jornalistas precisam ser fiéis à notícia antes de serem fiéis a si mesmos e a seus chefes.

(UFJF-MG – Adaptada) Entre as afirmativas abaixo, a única correta em relação ao texto é:

- a) A noção de neutralidade no jornalismo é defendida apenas pelo senso comum.
- b) Não há ponto semelhante entre as figuras do “Homem de Marte” e do “Homo Informens”.
- c) Toda notícia é, por fim, determinada pela maneira de olhar e de narrar de um jornalista.
- d) No jornalismo atual, não é mais cobrada a neutralidade e a isenção do jornalista.
- e) Vender a visão pessoal de um fato como sendo um fato objetivo corresponde à chamada estratégia de ocultação criminosa do fato.

[...] O pecado ético do jornalista não é trazer consigo convicções e talvez até preconceitos. Isso, todos temos.

Com base na leitura do texto, **é possível** inferir, desse fragmento, que:

- a) todos nós temos os preconceitos específicos dos jornalistas.
- b) todos os jornalistas podem pecar contra a ética.
- c) os jornalistas, incluindo Bucci, não estão ligados às suas ideologias.
- d) Bucci quer destacar que o pecado dos jornalistas é gravíssimo.
- e) os preconceitos dos jornalistas são éticos.

Texto para a questão

Sr. Prefeito, junte-se a nós na luta contra a dengue.

A sua participação é fundamental. A dengue é um dos grandes desafios que enfrentamos na área de saúde no Brasil, mas felizmente, é possível controlá-la. Para isso, é necessário que os governos estaduais e municipais e o governo federal trabalhem juntos. Nesse sentido, a sua atuação como prefeito é fundamental. Organize mutirões, envolvendo líderes comunitários da sua cidade, para lutar contra a dengue. No site www.combatadengue.com há todas as informações necessárias para auxiliá-lo, inclusive com materiais para *download* de uso livre. A mobilização social é a chave para o sucesso no combate à dengue.

BRASIL. Ministério da Saúde. Revista *Nordeste*, João Pessoa, ano 3, n. 35, maio/jun. 2009.

(ENEM) Diante dos recursos argumentativos utilizados, depreende-se que o texto apresentado:

- a) se dirige aos líderes comunitários para tomarem a iniciativa de combater a dengue.
- b) conclama toda a população a participar das estratégias de combate ao mosquito da dengue.
- c) se dirige aos prefeitos, conclamando-os a organizarem iniciativas de combate à dengue.
- d) tem como objetivo ensinar os procedimentos técnicos necessários para o combate ao mosquito da dengue.
- e) apela ao governo federal, para que dê apoio aos governos estaduais e municipais no combate ao mosquito da dengue.

Texto para as questões

O emprego de seu filho

Estou meio perdida. Preciso orientar meu filho, que tem 15 anos, quanto à faculdade mais indicada para ele cursar. Mas nem sei por onde começar. Em que áreas estarão os melhores empregos no futuro?

Ana Lúcia, Araraquara (SP)

Se isso lhe servir de consolo, Ana Lúcia, seu filho não vai passar pela situação que você está passando agora. Daqui a uns 30 anos, quando ele tiver filhos adolescentes, a palavra “emprego” já não terá mais o peso que tem hoje. O que acontece é que a enorme maioria das pessoas de nossa geração foi dirigida, desde criancinha, para uma única alternativa profissional: trabalhar em uma empresa. Mas, se você prestar atenção à história do mercado de trabalho, notará que o chamado “emprego” (com carteira assinada, salário fixo, benefícios e aposentadoria) é um fenômeno típico do século XX. Esse emprego estável, e protegido por leis oficiais, não existia até o século XIX. E está, lentamente, deixando de existir no século XXI.

Em comparação com a década de 1970, uma montadora do ABC paulista produz hoje o triplo de carros que produzia, mas usando um terço da mão de obra. Você se sente meio sem rumo porque lhe falta algo chamado “referência”. O mundo em que você foi criada – aquele do “faça uma boa faculdade e você conseguirá um bom emprego” – está em extinção.

Hoje, para cada dez jovens academicamente bem preparados, há no máximo três boas vagas. E, daqui a 30 anos, haverá meia vaga. Nossa geração não teve, porque não precisou ter, uma orientação para escolher entre um emprego e um trabalho autônomo. E essa é a grande escolha que seu filho terá de fazer: trocar a segurança de um emprego pelo risco de empreender por conta própria.

Porém, há um porém. Mãe é mãe. E toda mãe sempre achou, e sempre achará, que seu filho reúne todas as condições para conseguir uma daquelas “vagas impossíveis” do mercado de trabalho. Por isso, minha recomendação é que seu filho estude Administração. Por um simples motivo: esse é o mais genérico dos cursos. O que oferece o maior leque de possibilidades. O curso ideal para quem não sabe que curso fazer. Depois, quando seu filho encontrar um rumo profissional, ele poderá fazer cursos de especialização, na área em que se encaixou.

Finalmente, Ana Lúcia, não se torture. Se você está confusa, é porque já percebeu que o futuro profissional dos filhos não será a continuidade do passado profissional dos pais. E esse é um passo que a maioria dos pais ainda reluta em dar.

GEHRINGER, Max. Revista *Época*, publicado em 10 abr. 2006.

No primeiro parágrafo o autor enuncia o seu ponto de vista: o emprego, fenômeno do século XX, está deixando de existir no século XXI. Em que parágrafos ele oferece argumentos para sustentar seu enunciado?

Podemos dizer que o autor utilizou a mesma estratégia para argumentar no segundo e terceiro parágrafos? Explique.

De acordo com o autor, qual é a diferença entre os empregos de 30 anos atrás e os de hoje em dia?